

SI PUO FIRE DÁ PRA FAZER: CUIDADO EM LIBERDADE.

SI PUO FIRE TO DO: CARE IN FREEDOM.

¹VIDOTO, R. K. P.; ¹SILVA, S. A. ² SINIBALDI, B.

^{1e2} Departamento de Psicologia- Faculdades Integradas de Ourinhos- FIO/FEMM

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma análise dos conceitos e propostas da Reforma Psiquiátrica brasileira e da Psiquiatria Democrática italiana, tendo como disparador o filme Si Puo Fire – Dá Pra Fazer (tradução livre). Iniciamos apresentando as concepções de loucura e o processo em que surge uma nova concepção de cuidado, pautada no paradigma da Atenção Psicossocial, o cuidado em liberdade. Posteriormente faz-se uma análise das situações vividas pelos personagens, o filme apresenta as dificuldades, os preconceitos, os conflitos e nos convida à uma nova *práxis*. A análise do filme nos permite observar a efetivação de uma das estratégias apresentadas por Baságli, ao propor a Reforma psiquiátrica na Itália, que são as cooperativas de trabalho, que além de uma prática extra-hospital, promove a inserção social por meio do trabalho cooperado.

Palavras- chave: Saúde Mental. Trabalho. Cuidado. Reforma Psiquiátrica.

ABSTRACT

The objective of the present work is to present an analysis of the concepts and proposals of the Brazilian Psychiatric Reform and of the Italian Democratic Psychiatry, having as a trigger the film Si Puo Fire - To do (free translation). We begin by presenting the conceptions of madness and the process in which a new conception of care emerges, based on the paradigm of Psychosocial Care, care in freedom. Afterwards an analysis of the situations lived by the characters, the film presents the difficulties, the prejudices, the conflicts and invites us to a new praxis. The analysis of the film allows us to observe the effectiveness of one of the strategies presented by Basaglia, when proposing the Psychiatric Reform in Italy, which are the work cooperatives, which besides an extra-hospital practice, promotes social insertion through cooperative work.

Keywords: Mental Health. Work. Care. Psychiatric Reform.

INTRODUÇÃO

Em Si puo fare – dá pra fazer (Tradução livre) um filme italiano de 2008 que se passa nos anos 80/85, podemos ver parte do processo de mudança na concepção de cuidado em saúde mental, ele conta a história da cooperativa 180 formada por ‘loucos’, sujeitos diagnosticados com transtornos mentais que viviam em hospitais psiquiátricos. No decorrer do longa, vemos diversas concepções diferentes de loucura, temos a discussão de medicalização, a autonomia e qualidade de vida dos sujeitos, além dos preconceitos que os atravessam.

As atuais concepções acerca dos loucos e da loucura estão intrinsecamente relacionadas às antigas funções dos manicômios, como dispositivos de controle, poder e exclusão, amplamente discutidos por Foucault e Goffman (FIGUEREDO; DELEVATI; TAVARES, 2014). Depois vem a Psiquiatria e se apropria dos corpos

desses sujeitos, sistematizam, classificam e dominam o saber sobre sua 'doença', calam suas vozes e os sequestram da vida em sociedade para 'curá-los' (AMARANTE, 1995).

A loucura e a forma como é ou foi compreendida perpassam a complexa configuração das sociedades ao longo das épocas, refletindo de forma concreta nos tempos atuais. As transformações sócio-históricas, econômicas e culturais exerceram importante influência na maneira de tratar o louco, tanto no âmbito do convívio social, quanto em nível técnico-terapêutico. (Aragão, 2008, p.10)

E provocando o adoecimento ao aplicar os mesmos conceitos das ciências naturais, a mesma metodologia aos problemas que para Laing e Cooper são sociais: “os discursos dos loucos, denunciavam a tramas, os conflitos, enfim, as contradições existentes na sociedade” (AMARANTE, 2007, p.52).

A loucura nem sempre foi considerada uma doença passível de diagnóstico, tratamento e cura ou, ainda, desvio, erro passível de correção e/ou punição. Nem sempre se pensou na necessidade de uma intervenção profissional/técnica para tratá-la, ou em transformá-la em objeto de estudo de um determinado campo do saber. (Heidrich, 2007, p.25)

Amarante (2007, p. 71) afirma que a psiquiatria influenciou em demasia para que a sociedade relacionasse a loucura com a periculosidade, a irracionalidade e por isso, o hospício seria o seu lugar.

A Psiquiatria Democrática Italiana nasce nos anos 1960, sendo Franco Basaglia o precursor do movimento que reorganizou o modelo assistencial em saúde mental, inclusive fechando todos os hospitais psiquiátricos, e criando uma rede substitutiva de serviços de saúde. Sendo influenciada pelo movimento da Comunidade Terapêutica – movimento de reforma psiquiátrica que surge na Inglaterra que questiona as relações hierarquizadas dentro do hospital psiquiátrico, e propõe uma horizontalidade dessas relações e o empoderamento dos sujeitos, surge nesse contexto os grupos operatórios e das rodas de discussão. E pela Psicoterapia Institucional francesa que percebe o hospital psiquiátrico como uma instituição adoecida, traz uma influência psicanalítica com Lacan, e promove autonomia dos sujeitos a partir da desconstrução dos papéis de médico e paciente, e a inclusão dele à sociedade por meio das artes, não só como terapia, mas também expressão de sentimentos, desejos e necessidades, e trabalhos terapêuticos. (AMARANTE, 2007)

Contudo, Basaglia considera essas mudanças insuficientes, pois apenas reformulam o hospital psiquiátrico, faz-se necessário o desmonte da instituição manicomial e sua lógica de funcionamento (AMARANTE, 1995, 2007).

O manicômio é entendido pela luta antimanicomial como lugar que fomenta a exclusão, a marginalização, a opressão, as desigualdades, a intolerância, o silenciamento do sujeito e da loucura. A extinção dos manicômios enquanto lugar físico será a superação de uma etapa tão almejada pelo movimento antimanicomial, mas não será o fim de sua luta. (Oliveira, 2011, p.03)

A desinstitucionalização proposta por Basaglia vai além de fechar os hospitais psiquiátricos, organiza uma mudança na lógica de cuidado, um cuidado em liberdade, propõe uma ruptura com a psiquiatria, infere que é necessário que a transformação seja na concepção de loucura e no entendimento do conceito saúde-doença, e por fim objetiva: a superação do modelo manicomial, essa ainda uma utopia (AMARANTE, 1995; FIGUEREDO; DELEVATI; TAVARES, 2014).

Franco Basaglia passou a formular um pensamento e uma prática institucional absolutamente originais, voltadas para a ideia de superação do aparato manicomial, entendido não apenas como a estrutura física do hospício, mas como o conjunto de saberes e práticas, científicas, sociais, legislativas e jurídicas, que fundamentam a existência de um lugar de isolamento e segregação e patologização da experiência humana. (AMARANTE, 2007, p. 56).

Seu posicionamento se origina de sua experiência durante sua prática clínica em um hospital psiquiátrico no qual percebeu que não bastaria uma reforma psiquiátrica, mas sim deveria negar a psiquiatria e os métodos de análise e de cuidado que ela apresenta. O primeiro experimento é realizado por Basaglia em um hospital, na cidade de *Gorizia*, e depois descrito no Livro “A instituição negada”, que se tornou base para outras experiências que visam a desconstrução da lógica manicomial.

Se faz necessário outro olhar para então modificar o lugar social do louco e da loucura, uma vez que:

Ocuparam-se das doenças e esqueceram-se dos sujeitos [...] se a psiquiatria havia colocado o sujeito entre parênteses para ocupar-se da doença, a proposta de Basaglia foi a de colocar “a doença entre parênteses” para que fosse possível se ocupar do sujeito em sua experiência. (AMARANTE, 2007, p. 66-67).

A partir dessa visão, com base fenomenológica os estudos e cuidados da loucura se transformam, uma vez que o interesse está nos sujeitos, em suas

experiências e não mais repletos de preconceitos e estigmas. Amarante afirma que ao colocar a doença entre parênteses nos deparamos com o sujeito na sua complexidade, com todos os seus impasses, relações interpessoais e sociais. (AMARANTE, 2007).

É também com o movimento da Psiquiatria Democrática Italiana que surgem modelos de cooperativas de trabalho 'sociais', formado por pessoas em vulnerabilidade, loucos ou familiares, e se tornam parte da estratégia de inclusão social no processo de desinstitucionalização, é uma alternativa ao assistencialismo, sendo uma fonte de renda e autonomia aos sujeitos (AMARANTE, 2007).

Contudo, apesar dos avanços baseados em leis, não houve a solução imediata da problemática dos manicômios, dos preconceitos, há dificuldades que permeiam até a atualidade (FIGUEREDO; DELEVATI; TAVARES, 2014).

Em *Si puo fare – dá pra fazer* (2008) um filme italiano que se passa nos anos 80/85, podemos ver parte desse processo, ele conta a história da cooperativa 180, que faz homenagem a Lei 180, conhecida como Lei Basaglia, é baseado em histórias reais dos sócios de uma cooperativa de trabalho - em *Pordenone* - formada por 'loucos', sujeitos diagnosticados com transtornos mentais que viviam em hospitais psiquiátricos.

No decorrer do longa vemos diversas concepções diferentes de loucura, temos a discussão de medicalização, a autonomia e qualidade de vida dos sujeitos, além dos preconceitos que os atravessam.

METODOLOGIA

Por meio de uma revisão bibliográfica, buscou-se analisar análise dos conceitos e propostas da Reforma Psiquiátrica brasileira e da Psiquiatria Democrática italiana, tendo como disparador o filme *Si Puo Fire – Dá Pra Fazer* (tradução livre). Buscamos na literatura autores que falam ampla e profundamente do processo de evolução nas estratégias de cuidado em saúde mental, desde as antigas concepções de loucura aos dias atuais na luta pela Reforma Psiquiátrica.

ANÁLISE DO FILME E DISCUSSÃO

O filme data de 2008, dirigido por Giulio Manfredonia. Retrata a realidade de uma cooperativa que funciona no espaço de um manicômio nos anos 80. A cooperativa 180, recebe esse nome em homenagem a Lei 180, conhecida como Lei

Basaglia, Lei da Reforma Psiquiátrica Italiana, é baseado em histórias reais dos sócios de uma cooperativa de trabalho - em *Pordenone*.

As tramas são vividas por Nello, um sindicalista, e ex-internos de um manicômio. Nello ao ser demitido de seu antigo emprego é contratado para ser o diretor nessa cooperativa. Ele chega desprovido de qualquer bagagem relacionada a doenças mentais, portanto, sem os 'saberes médicos'.

A princípio, o médico Dell Vechio, responsável pela Cooperativa o instrui, dizendo que eles (os sócios) apenas desenvolvem o trabalho de colar selos para a Prefeitura, um trabalho meramente assistencial. Aos 27':36" do longa Dell Vechio diz que: "(...) *os loucos não têm capacidade de fazer um trabalho normal...são totalmente incapazes de suportar as pressões e responsabilidades de um trabalho de verdade...*". Esse discurso segue a concepção de doença mental preconceituosa da psiquiatria, se contrapondo à proposta da Reforma Psiquiátrica a respeito da inserção dos sujeitos na sociedade (AMARANTE, 2007).

Nello insiste que eles são capazes, acredita que podem desenvolver um trabalho não meramente assistencial, onde recebam um salário digno. Convoca uma assembleia, onde explica que todos são sócios, com poder de decisão e coloca em votação: continuarem apenas fazendo trabalho assistencial ou irem para o mercado de trabalho. As ideias apontadas pelos internos são anotadas, mesmo que absurdas, acompanhadas sempre de um "Dá pra fazer" de Nello, que justifica o nome do filme. Os ditos "loucos" começam a ter voz e poder de decisão e, isso que reverbera positivamente em suas vidas.

Eles começam a trabalhar com pisos de madeira. E as atividades são divididas de acordo com as potencialidades dos sujeitos. No primeiro trabalho que fazem, com a inesperada ausência de Nello, encontram a primeira dificuldade, o prazo de entrega se esgotando e, a falta de madeira para acabar o trabalho, reagem num primeiro momento com desespero até que Luca e Gigio decidem usar as sobras de madeira e acabam por fazer um belo trabalho de mosaico, considerado belo por Nello, apenas depois que o cliente gostou do resultado. Nesta cena percebe – se quão grande é o preconceito e a desconfiança da sociedade para com os 'loucos'.

Após o sucesso, vários contratos aparecem e a Cooperativa vai tomando corpo. Todos recebem uma função de especialista, e um dos internos que não fala, Sr. Robby, certamente seria descartado, mas na cooperativa ele se tornou presidente. Essa cena faz uma crítica engraçada aos homens de negócios.

Nello percebe que apesar de realizarem as obrigações, os sócios ficam muito sonolentos e pede que as doses dos medicamentos psicotrópicos sejam diminuídas. Dell Vechio se coloca contrário, lembrando que cada interno tem um histórico de descontrole. Essa cena demonstra a ligação que se faz do doente mental com a agressividade, Amarante afirma que: “A caracterização do louco, enquanto personagem representante de risco e periculosidade social, inaugura a institucionalização da loucura ...” (1995, p. 25).

Nello insiste que a dosagem de medicamento poderia ser menor, e numa conversa com Dr. Furlan, defensor de Baságliã, favorável a desmedicalização, aos 44':11” diz que *“a doença mental é invenção dos psiquiatras, porque uma coisa corriqueira que acontece, uma bobagem que poderia passar com o tempo, se o indivíduo encontra um psiquiatra, o entope de comprimidos...”*,- Aqui vemos bem claramente que o funcionamento ainda é totalmente fora do que propõe Baságliã, onde a medicação deveria ser a última opção; deveria ter uma Atenção Psicossocial.

Gomes (2013) afirma que:

Atenção Psicossocial tem por objetivo a desospitalização, desmedicalização, implicação subjetiva e sociocultural, participação, autogestão, interdisciplinaridade, interlocução, livre trânsito do usuário e da população e territorialização com integralidade, por oposição às características do modo asilar. (GOMES 2013, p.49)

Com apoio financeiro da União Europeia, eles vão para um novo espaço, se emancipam do centro psiquiátrico. O novo prédio abriga tanto a cooperativa quanto os sócios, nesse momento eles têm a sua casa, percebem a liberdade e a autonomia na escolha de seus móveis, compras e de seus sonhos, viagens, carros. Nello percebe então a necessidade dos rapazes quanto ao sexo, busca e contrata garotas de programa. É uma cena bem divertida.

Começam a conseguir vários contratos, tendo que buscar mais colocadores de pisos, e Nello vai ao manicômio buscar. Esta cena é muito chocante, nela vemos as pessoas jogadas em salas e quartos, sem perspectivas ou tratamento, apenas exclusão.

O asilo psiquiátrico situava-se em um quadro de extrema precariedade, não cumprindo a função de recuperação dos doentes mentais. [...] tal quadro abre espaço para o surgimento ou retomada de uma série de propostas de reformulação do espaço asilar. (AMARANTE, 1995, p. 29).

Entram numa concorrência para fazer o pátio da rodoviária de Paris, é uma oportunidade de aumentar a cooperativa. E em paralelo Luca e Gigio são contratados para colocar os pisos em uma casa onde tem uma bela moça, Catarina. Gigio se encanta por ela, numa noite saem para tomar um sorvete e Catarina lhe dá um beijo.

Nello faz uma reunião e diz que ganhou a concorrência e o contrato para decorar as estações de metrô de Paris, mas para isso precisam investir em maquinário e eles teriam que ficar sem salário por 6/7 meses. Todos votam contra e Nello fica revoltado e até volta a fumar... diz: *“eu não vou dar razão a eles só porque são loucos”*. Dr. Furlan diz: *“precisa ter respeito...o fato deles votarem contra é a sua vitória...ainda não se deu conta, hein?”* – Nesta cena vemos os sujeitos tendo autonomia, se negam a realizar esse investimento, por preferirem realizar seus desejos e necessidades.

Catarina convida Gigio e Luca para uma festa em sua casa e, os amigos dela começam a fazer piadinhas sobre eles. Luca se ‘descontrola’ e bate no amigo dela, para proteger Gigio e acabam na delegacia, correndo risco de voltarem para a internação. Esse momento fica muito claro na relação com a proposta de Baságliã, de que não se olha para o doente mental, somente para sua doença (AMARANTE, 2007). Todo e qualquer sujeito ficaria irritado em ser humilhado, mas só é visto como descontrolado, por conta de um diagnóstico, um estigma.

Depois de muita conversa, Catarina assume que ela foi a culpada e que eles não passam de *“coitados”* e que ela não sabia que eram loucos. Gigio ouve a conversa. No outro dia, Gigio é encontrado pendurado enforcado. Todos ficam arrasados, principalmente Nello.

Depois do velório, todos voltam para o manicômio, na rotina de medicação. Nello fica deprimido, e se sentindo culpado por não ter evitado que Gigio tirasse a própria vida e ainda pensando que poderia ser processado por ter agido sem autorização do médico, na questão da dosagem de medicamentos dos sócios da cooperativa. Se cobra, lembrando que sua esposa disse que ele não via mais as pessoas, só a sua empresa.

Nello vai se encontrar com Dell Vechio que o acalma dizendo que ele não é culpado do suicídio de Gigio, que aconteceu porque tinha que acontecer e que precisa que ele retorne o trabalho com eles, porque eles melhoraram muito enquanto estavam se ocupando com o trabalho. Nello não aceita.

Nello acaba em um trabalho com Padella, inimigo declarado desde infância. No meio de um evento, liderados por Luca, os sócios da cooperativa chegam para pedir que Nello retorne para trabalhar com eles e que aceitam ir para Paris. Retomam as atividades da cooperativa.

Aos 60':13" Nello diz que: *10 já fazem sucesso e que se fossem 200 poderiam tirar mais pessoas dos manicômios. Seriam um exemplo aos outros. Se abrissem mais cooperativas como essa, os manicômios ficariam vazios.*

A última cena do filme é emocionante, é a chegada de um ônibus cheio de pessoas vindas de outro manicômio para fazerem parte da cooperativa e o presidente, Sr. Robby os recebe olhando-os nos olhos. Eles se sentem acolhidos. Ainda que o preconceito seja forte, e a visão medico-centrada ainda muito comum, se vê também, tanto no filme quanto na nossa realidade, novos olhares, novas formas de cuidado, vemos ali e nos propomos a fazer aqui a revolução, a transformação de um contexto de exclusão e sofrimento em um contexto de possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme traz uma representação da possibilidade de cuidado em liberdade, no território. Apresenta as dificuldades, os preconceitos, os conflitos e nos convida à uma nova *práxis*. Propõe pensarmos e cuidar da loucura em comunidade, seja por meio do trabalho, da arte, da escuta, do acolhimento. Tenta desconstruir o olhar estigmatizante produzido sobre a pessoa em sofrimento psíquico que historicamente foi produzido pelo saber medicalizante.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

_____. (Coord.) **Loucos pela vida** [Livro eletrônico]: A trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

ARAGÃO, T. N. **Reforma Psiquiátrica: a construção de um novo paradigma em saúde mental**. UNICEUB, Brasília-DF, 2008.

FIGUEIRÊDO, M. L. R.; DELEVATI, D. M.; TAVARES, M. G. Entre loucos e manicômios: História da loucura e a reforma psiquiátrica no Brasil. **Ciências Humanas e sociais**. Maceió. v. 2, n. 2, p. 121-136, nov. 2014. (PDF). Disponível

em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/1797>>. Acesso em 04 mar. 2018.

GOMES, A. L. C. **A Reforma Psiquiátrica no contexto do movimento de luta antimanicomial em João Pessoa - PB.** 2013.

HEIDRICH, A.V. **Reforma Psiquiátrica à brasileira: análise sob a perspectiva da desinstitucionalização.** PUC, Porto Alegre, 2007.

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/filosofia/os-discursos-sobre-loucura-como-instrumento-poder.htm>

MILLANNI, H. F. B.; VALENTE, M.L.C. **O caminho da loucura e a transformação da assistência aos portadores de sofrimento mental.** SMAD Revista EletronicaSaude Mental Alcool e Drogas, 2008

OLIVEIRA, C. L. **O pensamento de Franco Basaglia na área da saúde mental.** 16º Encontro Nacional ABRAPSO; 12-15/11/2011. Campus Recife

SI PUO FARE. Direção de Giulio Manfredonia. Produção de Angelo Rizzoli Jr e Andrea Rizzoli Jr. Roteiro: Fabio Bonifacci e Giulio Manfredonia. Música: Pivio e Aldo de Scalzi. Itália: Warner Bross, 2008. (111 min.). Legendado.